

Discurso sobre o estilo

GEORGES-LOUIS LECLERC, CONDE DE BUFFON
TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS: ISABEL COELHO FRAGELLI
PROFESSORA NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP

Introdução

Georges-Louis Leclerc, o Conde de Buffon, é conhecido como um dos maiores naturalistas do Século das Luzes. Ao longo dos mais de quarenta anos em que ocupou o cargo de intendente do Jardim do rei, de Paris, dedicou-se intensamente à investigação da natureza em toda sua extensão, dos minerais aos seres humanos. O resultado dessa investigação é a monumental e enciclopédica *História natural, geral e particular*, obra composta por trinta e seis volumes, redigidos ao longo de toda a vida profissional do autor.¹ Nela, ele nos apresenta não apenas as descrições detalhadas e precisas dos mais variados seres da natureza (sempre presentes nas obras dos naturalistas, desde a Antiguidade), mas também uma concepção própria da história natural, propondo reflexões acerca do método e dos princípios, bem como da linguagem e do estilo que seriam os mais adequados a essa ciência.

No ano de 1753, Buffon foi eleito para a Academia francesa em circunstâncias curiosas.² Logo após a morte de um de seus antigos membros, Languet de Gergy, arcebispo de Sens, o poeta e dramaturgo Alexis Piron foi indicado para substituí-lo. Dois dias antes de sua eleição, porém, o rei Luís XV ordenou que o processo

¹ Em colaboração com o naturalista Louis Daubenton.

² Cf.: BUFFON. *Oeuvres*. Paris: Ed. Pleiade, p. 1496, notas para o *Discurso sobre o estilo*, redigidas por Stéphane Schmitt. A maior parte das informações contidas na presente Introdução foi extraída dessas notas.

fosse suspenso por julgar que uma das obras de juventude do poeta, a *Ode à Priape*, possuía um caráter licencioso. Com isso, as atenções dos membros da Academia voltaram-se para Buffon, cujos conhecimentos da língua francesa e talento para a escrita pareciam-lhes indiscutíveis. Assim, ele foi eleito no dia 1º de julho, e seu discurso de recepção, proferido em 25 de agosto, foi o intitulado *Discurso sobre o estilo*.

Tradicionalmente, os discursos de recepção dos novos ingressantes da Academia consistiam em um elogio de seu antecessor. Ocorre, porém, que Languet de Gergy havia sido uma figura controversa e cheia de desafetos. Fortemente envolvido em disputas acerca de questões religiosas (sobretudo por sua oposição aos jansenistas), procurou defender o partido dos religiosos contra o dos filósofos no interior da Academia, tendo combatido veementemente as candidaturas de Montesquieu e Voltaire. Assim, Buffon, que viria a pertencer ao partido dos filósofos, preferiu abster-se do constrangimento de proferir falsas palavras de louvor e escolheu, para seu discurso, um outro tema: a questão do estilo.

O *Discurso* foi recebido com grande aprovação e entusiasmo. Conta-se que sua leitura foi interrompida inúmeras vezes pelos aplausos de seus ouvintes. Além de ter se tornado, nas palavras de S. Schmitt, “um clássico da arte oratória”, promoveu amplamente a imagem de Buffon como a de um grande escritor. O estilo nele pregado caracteriza-se pela ordem, pela “dependência harmônica entre as ideias”, pela “continuidade da linha”, pela clareza e pela simplicidade. Nada é mais contrário à luz e à beleza natural de um texto, afirma o autor, “que o desejo de inserir traços chamativos por toda parte”³ O excesso de pompa ou de brilho, que normalmente marca um tratamento inadequado das ideias, torna o texto superficial e vazio. A verdadeira eloquência não se manifesta por meio do emprego de ideias “soltas” e “ligeiras”; ela provém, antes, de um verdadeiro domínio do tema e de uma capacidade de expor os pensamentos numa sucessão coerente e contínua, da maneira mais “desembaraçada”, fácil e natural possível. Nesse sentido, o *Discurso* distancia-se da estética das Luzes e apresenta um elogio do gosto clássico do *Grand Siècle*.

Diante de seus mestres da Academia, Buffon afirma ter aprendido com eles muitos dos princípios contidos em sua exposição. Que ele os tenha incorporado

³ BUFFON. *Discurso sobre o estilo*, p. 207 desta edição.

nos escritos da *História natural* é algo inegável: em vez de descrições exaustivas e entediantes, de análises técnicas demasiado áridas, tão comuns entre os cientistas modernos, o autor procura constantemente o equilíbrio entre o rigor teórico, a fidelidade das observações e a forma de exposição mais agradável para o leitor. Ao comentar a obra do naturalista italiano Aldrovandi, Buffon critica seu caráter excessivamente prolixo, fastidioso e repetitivo, e afirma que, no século XVIII, felizmente, esse erro já poderia ser devidamente corrigido:

A ordem e a precisão com que se escreve agora tornaram as ciências mais agradáveis e mais acessíveis, e estou convencido de que essa diferença de estilo provavelmente contribuiu tanto para seu avanço quanto o espírito de pesquisa que reina em nossos dias. Os que nos precederam pesquisavam como nós, mas amalhavam tudo o que se apresentava diante deles, enquanto rejeitamos o que nos parece pouco valioso e preferimos uma obra pequena, porém bem-composta, a um espesso volume cheio de sapiência.⁴

Assim, aqueles que esperam encontrar na grande obra de Buffon “apenas um tratado de história natural” serão surpreendidos pelos ensaios de um poeta, extremamente ricos em imagens, vivos e atraentes, elegantes e eloquentes quando se propõem a lê-lo.⁵ A verdade é que Buffon jamais deixou de pensar-se como um escritor pelo fato de ter escolhido dedicar-se às ciências. Para ele, se um autor não souber comunicar suas ideias por meio das palavras, de nada lhe servirá possuir muitos conhecimentos ou ter realizado descobertas reveladoras. O que determinará o sucesso ou insucesso futuros de uma obra serão, ao final, a qualidade, a beleza, a adequação e, sem dúvida, o gênio que constituem seu estilo:

As obras bem escritas são as únicas que passarão à posteridade; a grande quantidade de conhecimentos, a singularidade dos fatos, e mesmo a novidade das descobertas não são garantias seguras de imortalidade; se as obras que as contêm discorrem somente sobre

⁴ BUFFON. *História natural*. São Paulo: Unesp, 2020, p. 21.

⁵ Talvez um dos melhores exemplos das qualidades poéticas do autor se encontre no famoso récit philosophique do ensaio “Dos sentidos em geral”.

pequenos objetos, se são escritas sem gosto, sem nobreza e sem gênio, devem decerto perecer; pois os conhecimentos, os fatos e as descobertas são facilmente transmitidos, transportados e, de fato, ganham muito quando são trabalhados por mãos mais hábeis. Essas coisas estão fora do homem; o estilo é o próprio homem; o estilo não se pode, portanto, nem transmitir, nem transportar, nem alterar; se ele é elevado, nobre, sublime, o autor será igualmente admirado em todos os tempos; pois apenas a verdade é durável e eterna.⁶

Discurso sobre o estilo

Sr. de Buffon, tendo sido eleito pelos Senhores da Academia francesa para o lugar do falecido Sr. arcebispo de Sens, assumiu seu posto no sábado, 25 de agosto de 1753, e pronunciou seu discurso, que segue.

Senhores,

Sinto-me plenamente honrado com este convite para juntar-me a vós; mas a glória é um bem somente na medida em que dela se é digno; e não posso persuadir-me de que alguns ensaios redigidos sem arte e sem outros ornamentos além daqueles da Natureza sejam suficientes para que se tenha a pretensão de obter um lugar entre os mestres da arte, entre os homens distintos que representam aqui o esplendor literário da França, e cujos nomes, hoje celebrados pela voz das nações, ressoarão ainda com ênfase na boca de nossos últimos descendentes. Vós, Senhores, tivestes outros motivos para lançar o olhar sobre mim; quisestes dar à ilustre Companhia,⁷ à qual tenho a honra de pertencer já há muito tempo, um novo sinal de consideração; meu agradecimento, embora compartilhado, não será menos vivo; mas como satisfazer ao dever que por ele me é imposto no dia de hoje? Não vos tenho a oferecer, Senhores, nada além de vosso próprio bem, a saber, algumas ideias sobre o estilo que extraí de vossas obras; ao ler-vos e admirar-vos, elas foram concebidas; e, ao submetê-las à vossa luz, elas se apresentarão com algum sucesso.

⁶ *.Discurso sobre o estilo*, p. 210 desta edição.

⁷ Academia Real das Ciências, à qual Buffon fora admitido em 1733 (N.T.).

Houve, em todas as épocas, homens que souberam comandar os outros mediante o poder da palavra. Mas apenas nos séculos esclarecidos soube-se escrever e falar bem. A verdadeira eloquência supõe o exercício do gênio e a cultura do espírito. Ela é muito diferente daquela facilidade natural de falar que não passa de um talento, uma qualidade concedida a todos aqueles cujas paixões são fortes, os órgãos flexíveis e a imaginação ligeira. Tais homens sentem vivamente, deixam-se afetar do mesmo modo, exteriorizam-no intensamente e, mediante uma impressão puramente mecânica, transmitem aos outros seu entusiasmo e suas afecções. É o corpo que fala ao corpo; todos os movimentos, todos os signos confluem e servem igualmente para este fim. O que é preciso para comover a multidão e seduzi-la? O que é preciso para sensibilizar a maior parte dos outros homens e persuadi-los? Um tom veemente e tocante, gestos expressivos e frequentes, palavras rápidas e sonoras. Mas, para o pequeno número daqueles cuja mente é firme, o gosto delicado e os sentidos refinados, e que, assim como vós, Senhores, consideram insuficientes o tom, os gestos e o vão som das palavras, são necessários os objetos, os pensamentos, as razões; é preciso saber apresentá-los, nuançá-los, ordená-los: não basta alcançar o ouvido e ocupar os olhos, é preciso agir sobre a alma e tocar o coração, enquanto se fala ao espírito.

O estilo não é outra coisa senão a ordem e o movimento que se insere nos pensamentos. Se os encadeamos com estreiteza, se os comprimimos, o estilo torna-se forte, enérgico e conciso; se deixamos que se sucedam lentamente e se combinem somente pelas palavras, por mais elegantes que sejam, o estilo será difuso, frouxo e monótono.

Porém, antes de buscar a ordem na qual os pensamentos serão apresentados, é necessário elaborar, para estes, uma outra mais geral, na qual devem entrar apenas as primeiras perspectivas e as ideias principais: é quando se assinala seu lugar neste plano que um tema é circunscrito e sua extensão conhecida; e é ao retomar constantemente esses primeiros delineamentos que os intervalos que separam as ideias principais umas das outras são determinados, e que ideias acessórias e intermediárias surgem para preenchê-los. Por meio da força do gênio, representaremos todas as ideias gerais e particulares a partir de seu verdadeiro ponto de vista; por meio de uma grande sutileza do juízo, distinguiremos os pensamentos estéreis das ideias fecundas; por meio da sagacidade proporcionada pelo grande hábito de escrever, perceberemos antecipadamente qual será o produto de todas

essas operações do espírito. Por menos amplo e complicado que um tema possa ser, muito raramente se consegue abarcá-lo com apenas um golpe de vista, ou penetrá-lo por inteiro já com um primeiro e único esforço de gênio; e raramente ocorre que, após algumas reflexões, todas as suas conexões sejam apreendidas. Portanto, não podemos nos ocupar demais com isso, pois é este o único meio de consolidar, estender e elevar os pensamentos: quanto mais força e substância lhes conferirmos, mais fácil será, em seguida, realizá-los por meio da expressão.

Esse plano ainda não é o estilo, mas a sua base; ele o sustenta, o dirige, regra seu movimento e o submete a leis; sem isso, o melhor escritor encontra-se perdido, sua pluma caminha sem guia, lançando fortuitamente traços irregulares e figuras discordantes. Por mais brilhantes que sejam as cores por ele empregadas, e ainda que semeie coisas belas nos detalhes, se o conjunto desagradar, não se farão notar, e a obra não se constituirá; e, mesmo que se admire o espírito do autor, poder-se-á suspeitar que lhe falta o gênio. Por esse motivo, aqueles que escrevem tal como falam, ainda que falem muito bem, escrevem mal; e aqueles que se entregam à primeira chama de sua imaginação, assumem um tom que não conseguem sustentar; e aqueles que temem perder os pensamentos isolados, fugitivos, e que escrevem trechos separados em diferentes momentos, jamais os reúnem sem que as transições sejam forçadas; em uma palavra, muitas são as obras de marchetaria, e poucas aquelas fundidas de uma só vez.

No entanto, todo tema é apenas um; e, por mais amplo que seja, pode sempre ser encerrado em um único discurso; as interrupções, as pausas, as seções deveriam ser habituais apenas quando temas diferentes são abordados; ou quando, ao pretendermos falar de coisas grandes, espinhosas e contrastantes, a marcha do gênio encontra-se interrompida pela multiplicidade de obstáculos e constrangida pela necessidade das circunstâncias; caso contrário, o grande número de divisões, longe de tornar a obra mais sólida, destrói seu conjunto; o livro parece mais claro aos olhos, mas o desígnio do autor permanece obscuro; pois não se pode impressionar o espírito do leitor, ou mesmo se fazer perceber, senão devido à continuidade da linha, à dependência harmônica das ideias, a um desenvolvimento sucessivo, a uma gradação regular ou a um movimento uniforme, que toda interrupção destrói ou enfraquece.

Por que as obras da Natureza são tão perfeitas?

Porque cada obra é um todo, e porque a Natureza trabalha sobre um plano eterno do qual jamais se distancia; ela prepara em silêncio os germes de suas produções; esboça, em um ato único, a forma primitiva de todo ser vivo; a desenvolve e aperfeiçoa por meio de um movimento contínuo e dentro de um tempo prescrito. A obra impressiona, mas é a cunhagem divina, cujos traços ela carrega, que nos deve fascinar. O espírito humano nada cria; ele apenas produzirá algo depois de ter sido fecundado pela experiência e pela meditação; seus conhecimentos são os germes de suas produções: mas, se ele imitar a natureza em seu curso e em seu trabalho, se conseguir elevar-se, mediante a contemplação, às verdades mais sublimes, se souber reuni-las, encadeá-las, se delas formar um sistema por meio da reflexão, poderá estabelecer monumentos imortais sobre alicerces inabaláveis.

É por faltar-lhe um plano, e também por não ter refletido suficientemente sobre seu objeto, que um homem de espírito se vê embaraçado, sem saber por onde começar a escrever: ele divisa um grande número de ideias; mas, como não as comparou, nem as subordinou, nada o determina a preferir umas às outras; ele permanece, então, na perplexidade: mas, quando tiver feito para si um plano, e uma vez que tiver reunido e posto em ordem todas as ideias essenciais para seu tema, perceberá facilmente o instante em que deve pegar a pena, sentirá o ponto de maturidade da produção do espírito, terá pressa em fazê-la desabrochar e não sentirá outra coisa ao escrever senão puro prazer; os pensamentos se sucederão sem embaraço, e o estilo será fácil e natural; o calor nascerá desse prazer, se espalhará por toda parte e dará vida a cada expressão; tudo ganhará um ânimo cada vez maior, o tom se elevará, os objetos ganharão cor, o sentimento, unindo-se à luz, a fará crescer, a levará mais longe, a fará passar daquilo que se está dizendo àquilo que será dito, e, assim, o estilo se tornará interessante e luminoso.

Nada se opõe mais ao calor que o desejo de inserir traços chamativos por toda parte; nada é mais contrário à luz, que deve ganhar corpo e se espalhar uniformemente em um escrito, do que essas faíscas que se produzem apenas à força ao chocarem-se as palavras umas contra as outras, e as quais, se vos encantam durante alguns instantes, é para em seguida vos deixarem nas trevas. Tais pensamentos brilham apenas por oposição; aqui, apenas uma face do objeto é apresentada, enquanto todas as outras são postas na sombra, e essa face escolhida é normalmente uma ponta, um ângulo a partir do qual o espírito é posto em movimento com

tanta facilidade que se distancia muito das faces amplas, a partir das quais o bom senso tem o costume de considerar as coisas.

Nada é mais oposto à verdadeira eloquência do que o emprego desses pensamentos sutis e a busca dessas ideias ligeiras, soltas, sem consistência e que, como a folha de um metal batido, apenas ganha brilho quando perde a solidez: assim, quanto mais desse espírito tênue e brilhante colocarmos em um escrito, menos nervo, luz, calor e estilo haverá nele, a menos que esse espírito não seja, ele mesmo, a essência do tema, e que o escritor não tenha tido outro objetivo senão o de fazer uma zombaria [*plaisanterie*]: nesse caso, a arte de dizer pequenas coisas torna-se talvez mais difícil do que a arte de dizer coisas grandes.

Nada é mais oposto ao belo natural do que o esforço que fazemos para exprimir coisas comuns e ordinárias de uma maneira singular ou pomposa; nada degrada mais o escritor. Longe de admirá-lo, nós lamentamos que ele tenha passado tanto tempo a fazer novas combinações de sílabas para não dizer nada além daquilo que todos dizem. Esse defeito é o dos espíritos cultivados, porém estéreis; possuem palavras em abundância, mas não ideias; trabalham nas palavras e se imaginam capazes de combinar ideias, já que compõem frases, e de purificar a linguagem, quando, na verdade, a corrompem, ao desviarem suas acepções. Esses escritores não possuem estilo, ou, se quisermos, possuem apenas uma sombra dele; o estilo deve gravar os pensamentos, e eles não sabem fazer nada além de traçar palavras.

Para escrever bem, portanto, é necessário dominar plenamente seu tema e refletir sobre ele o bastante para que se possa ver com clareza a ordem de seus pensamentos, formando com eles uma sequência, uma cadeia contínua, na qual cada ponto representa uma ideia; e, assim que se tiver pegado a pluma, será preciso conduzi-la sucessivamente sobre esse primeiro traço, sem permitir-lhe que dele se afaste, sem apoiá-la de um modo demasiado irregular, sem dar-lhe outro movimento além daquele que será determinado pelo espaço que ela deve percorrer. É nisso que consiste a severidade do estilo, e é também isso que lhe dará unidade e regulará sua velocidade; e apenas isso bastará para torná-lo preciso e simples, uniforme e claro, vivo e contínuo. Se a essa primeira regra ditada pelo gênio unirmos gosto e delicadeza, um certo escrúpulo para a escolha das expressões e uma certa atenção para nomear as coisas somente com os termos mais gerais, o estilo terá nobreza. Se somarmos ainda a desconfiança em relação a seu primeiro

movimento, o desprezo por tudo aquilo que é mero verniz e uma repugnância constante por tudo o que é equívoco e pela zombaria [*plaisanterie*], o estilo terá gravidade e será, inclusive, majestoso. Enfim, se escrevermos tal como pensamos, se estivermos convencidos daquilo de que queremos persuadir, essa boa-fé consigo mesmo, que resulta na decência para com os outros e na veracidade do estilo, fará com que ele produza todo seu efeito - desde, é claro, que essa persuasão interior não seja marcada por um entusiasmo exacerbado e que haja, por toda parte, mais candura do que confiança, mais razão que calor.

Assim pareceu-me ao ler-vos, Senhores, que a mim faláveis e que me instruíeis; minha alma, que recolhia com avidez esses oráculos da sabedoria, desejava alçar vôo e elevar-se para junto de vós: vãos esforços! As regras, dizíeis ainda, não podem substituir o gênio; se este faltar, elas serão inúteis: escrever bem é pensar, sentir e expor bem, simultaneamente; é ter espírito, alma e gosto, ao mesmo tempo; o estilo supõe a reunião e o exercício de todas as faculdades intelectuais; as ideias, somente, formam a essência do estilo, a harmonia das palavras não é nada além de um acessório, que depende apenas da sensibilidade dos órgãos. Basta ter um pouco de ouvido para evitar as dissonâncias das palavras; e basta tê-lo exercitado e aperfeiçoado mediante a leitura dos poetas e dos oradores para que sejamos mecanicamente conduzidos à imitação da cadência poética e das entonações da oratória. Ora, a imitação nunca foi capaz de criar algo; portanto, essa harmonia das palavras não consiste nem na essência, nem no tom do estilo, motivo pelo qual está muitas vezes presente em escritos vazios de ideias.

O tom não é nada além da conformidade do estilo à natureza do tema; ele jamais deve ser forçado, mas nascerá naturalmente da própria essência da coisa, e dependerá muito do grau de generalidade ao qual os pensamentos serão conduzidos. Se elevarmos-nos às idéias mais gerais, e se o objeto for, em si mesmo, grande, o tom parecerá elevar-se à mesma altura; e se, ao sustentá-lo nessa elevação, o gênio fornecer o bastante para iluminar fortemente cada objeto; se pudermos adicionar a beleza do colorido à energia do desenho [*dessin*]; em suma, se pudermos representar cada ideia por meio de uma imagem viva e bem-acabada, formando um quadro harmonioso e dinâmico de cada sequência de ideias, o tom será não apenas elevado, mas sublime.

Aqui, Senhores, a aplicação fará mais que a regra, os exemplos instruirão melhor que os preceitos; mas, como não me é permitido citar as passagens sublimes

que, ao ler vossas obras, com tanta frequência arrebataram-me, sou obrigado a limitar-me às reflexões. As obras bem escritas são as únicas que passarão à posteridade; a grande quantidade de conhecimentos, a singularidade dos fatos e mesmo a novidade das descobertas não são garantias seguras de imortalidade; se as obras que as contêm discorrem somente sobre pequenos objetos, se são escritas sem gosto, sem nobreza e sem gênio, devem decerto perecer; pois os conhecimentos, os fatos e as descobertas são facilmente transmitidos, transportados e, de fato, ganham muito quando são trabalhados por mãos mais hábeis. Essas coisas estão fora do homem; o estilo é o próprio homem; o estilo não se pode, portanto, nem transmitir, nem transportar, nem alterar; se ele é elevado, nobre, sublime, o autor será igualmente admirado em todos os tempos; pois apenas a verdade é durável e eterna. Ora, com efeito, um estilo belo não o é senão graças ao número infinito de verdades que ele apresenta. Todas as belezas intelectuais que nele se encontram, todas as conexões que o compõem, são verdades tão úteis, e talvez até mais preciosas para o espírito humano, do que aquelas que podem constituir a essência do tema.

O sublime está apenas nos grandes temas. A poesia, a história e a filosofia possuem todas o mesmo objeto, e, de fato, um objeto muito grande: o homem e a Natureza. A filosofia descreve e retrata a Natureza; a poesia a pinta e embeleza; e pinta também os homens, aumentando-os e exagerando-os, além de criar os heróis e os deuses. A história pinta somente o homem, e pinta-o tal como ele é: por isso, o tom do historiador apenas se tornará sublime quando ele fizer o retrato dos maiores homens, quando expuser as maiores ações, os maiores movimentos, as maiores revoluções; em todos os outros momentos, bastará que ele seja majestoso e grave. O tom do filósofo poderá tornar-se sublime todas as vezes em que falar das leis da Natureza, dos seres em geral, do espaço, da matéria, do movimento e do tempo, da alma, do espírito humano, dos sentimentos, das paixões; em todo o resto, bastará que ele seja nobre e elevado. Mas o tom do orador e do poeta, caso o tema seja grande, deverá ser sempre sublime, pois ele é mestre em unir à grandeza de um tema o quanto de cor, movimento e ilusão lhe aprouver; e, devendo sempre pintar e aumentar os objetos, deve também empregar, por toda parte, toda força de seu gênio e desdobrá-lo em toda sua extensão.

E como são grandes os objetos, Senhores, que aqui encantam meus olhos!

Qual estilo e qual tom dever-se-ia empregar para pintá-los e representá-los dignamente? A elite dos homens encontra-se aqui reunida. A Sabedoria é quem os comanda. No meio deles, a Glória tomou seu assento e derrama seus raios sobre cada um, cobrindo-os todos com um brilho que é sempre o mesmo e que sempre renasce. Os traços de uma luz ainda mais viva partem de sua coroa imortal e reúnem-se no fronte augusto do melhor e mais poderoso de todos os reis. Vejo-o, este herói, este príncipe adorável, este tão querido mestre. Quanta nobreza em todas as suas feições! Quanta majestade em toda sua pessoa! Quanta alma e doçura natural em seus olhares! Ele a vós os dirige, Senhores, e vós brilhais com uma nova chama; um ardor mais vivo vos inflama; ouço já vossa divina entoação e os acordes de vossas vozes; vós os reunistes para celebrar suas virtudes, para cantar suas vitórias, para aplaudir à nossa felicidade; vós os reunistes para fazer ressoar vosso zelo, exprimir vosso amor e transmitir à posteridade sentimentos dignos desse grande rei e de seus descendentes. Que concertos, estes! Penetram meu coração; e serão imortais, como o nome *Luís*.

Ao longe, que outra cena de grandes objetos! O Gênio da França, que fala a Richelieu e dita-lhe, ao mesmo tempo, a arte de esclarecer os homens e a de fazer reinarem os reis! A Justiça e a Ciência, que conduzem Séguier e elevam-no, em consenso, ao primeiro posto de seus tribunais. A Vitória, que avança a passos largos e precede a carro triunfal de nossos reis, onde *Luís, o Grande*, sentado sobre troféus, oferece, com uma mão, a paz às nações derrotadas e, com a outra, reúne neste palácio as Musas dispersadas. E, próximo a mim, Senhores, que outro objeto interessante! A Religião, em lágrimas, toma emprestado o órgão da Eloquência para exprimir sua dor, e parece acusar-me de suspender demasiado longamente vossos lamentos de uma perda que nós todos devemos sentir juntamente com ela.